Uma pianista entre duas escritas: Magda Tagliaferro em versão autobiográfica e na cultura histórica

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SIMPÓSIO MÚSICA E GÊNERO: REFLEXÕES SOBRE PROCESSOS E PRÁTICAS NA PRODUÇÃO SONORA DE MULHERES

Anderson da Mata Daher
Universidade Federal de Ouro Preto – andersondaher@ufop.edu.br

Resumo: Este trabalho apresenta minha pesquisa de Doutorado em História, voltada à interpretação dos sentidos atribuídos à trajetória da pianista Magdalena Tagliaferro. Recorro principalmente a duas fontes: à autobiografia e a produções consideradas expressões da cultura histórica. Proponho que a questão de gênero se mostrou eixo recorrente nessas escritas, mas com enfoques histórico-culturais distintos: os textos produzidos até os anos 80 detêm-se sobretudo em sua performance como pianista; a partir daí, seu papel como educadora passa a ser mais destacado.

Palavras-chave: Magda Tagliaferro. Gênero. Autobiografia. Cultura Histórica

One Pianist Betwen Two Writngs: Magda Tagliaferro in Autobiographical Version and Historical Culture

Abstract: This work presents my research of Doctorate in History, focused on the interpretation of the meanings attributed to the trajectory of the pianist Magdalena Tagliaferro. I focus mainly on two sources: autobiography and productions considered expressions of historical culture. I propose that the question of gender was a recurrent theme in these writings, but with distinct historical-cultural approaches: texts produced until 1980 are mainly focused on their performance as a pianist; after 1980, her role as educator becomes more outstanding.

Keywords: Magda Tagliaferro. Genre. Autobiography. Historical culture.

1. Magda Tagliaferro: problematizando as versões de sua trajetória musical

Interpretar o percurso histórico de um(a) musicista implica, *a priori*, na articulação de conjunturas musicais, culturais e políticas com as escolhas promovidas por ele(a) em meio a tais correlações de forças, e que se desdobram na singularidade de sua produção musical (apresentações, gravações e práticas de ensino). Assim,

> A História Social da Música visa questionar possíveis elos que se poderia estabelecer entre a música e as estruturas econômicas, políticas e culturais de uma formação social, num momento histórico cronologicamente determinado. Tais estudos históricos devem privilegiar as conexões entre a produção artística e sua decodificação por um público específico. Além disso, devem discutir os possíveis obstáculos para a concretização de um determinado projeto estético (...) em síntese, a História Social da Música deve ter em mira não somente o estudo da criação artística em relação à sociedade, mas, também da vida de um grupo social e da relação deste com a arte. (CONTIER apud BAIA, 2011, p. 124-125)

Partindo de tal assertiva, este trabalho busca por em perspectiva a abordagem acima transcrita, priorizando o viés da escrita: por quais modalidades de escrita a trajetória de um(a) musicista vem sendo ressignificada na atualidade e que especificidades de sentido podem ser percebidas quando distintas práticas de escrita são cotejadas?

Defrontar tal questão exige, antes de tudo, a seleção de um recorte biográfico particular, sobre o qual tenha incidido essa variedade de escritas. Assim, a pesquisa elege como seu objeto de estudo as diferentes narrativas sobre a pianista Magdalena Tagliaferro.

> Magda nasceu em Petrópolis (RJ), em 1893, filha de Paulo Tagliaferro e Louise, ambos franceses. […] Quando Magda completou 5 anos, ele [o pai] a iniciou no piano. Aos 9 anos, ela fez sua estreia em concerto realizado no Clube Internacional de São Paulo. Até sua morte, em 1907, o pai incentiva e planeja sua carreira musical, levando-a até Paris. […] Em 1906, aos 13 anos, Magda ingressa no Conservatório de Paris e, em 1907, ganhou o primeiro prêmio do Conservatório; em seguida, saiu em tournée pela França, acompanhada pelo compositor francês Gabriel Fauré (CARVALHO, 2010, p. 39).

Desde então, ao longo de sua carreira como pianista, Magdalena obteve "projeção internacional e atuou como catedrática numa das instituições mais importantes de música do mundo, o Conservatório de Paris"; em paralelo, ela "tocou nos principais palcos musicais conhecidos de seu tempo, e foi júri nos mais renomados concursos de piano", além de receber "prêmios, distinções e condecorações (Legião de Honra e Ordem das Artes e das Letras, na França, Oficial da Ordem do Rio Branco, no Brasil)" (IGAYARA-SOUZA; PAZ, 2012, p. 5)

Por outro lado, a vida pessoal de Magda era geralmente tida como assunto controverso, pois "ela teve três maridos, mas de fato nunca se casou" (CARVALHO, 2010, p. 39) sendo considerada, simultaneamente, como uma "mulher bonita e vaidosa" (LEITE, 2001, p. 164), figuração que por décadas manteve-se indissociável de sua performance ao piano:

> Cuidadosa ao extremo com sua aparência pessoal, Magda tinha consciência de que tanto seus cabelos quantos seus vestidos longos – exuberantemente femininos, faziam parte de sua imagem pública de artista. Tanto isso foi verdade que, em 1940, Magda foi requisitada pelos jornais americanos *Daily News* e *Pensylvania Press* a dar conselhos sobre moda, penteados e manutenção das mãos e unhas. (CARAMURU apud LEITE, 2001, p. 165)

Em termos de didática musical, a contribuição de Magda ao ensino da Música foi associada aos intercâmbios possibilitados por suas muitas viagens internacionais, que lhe teriam permitido conhecer projetos pedagógicos de diferentes países para a aprendizagem do piano (MIGNOT; GONDRA, 2007). Com isso, "além de trazer as técnicas interpretativas do impressionismo francês, ao mesmo tempo, a pianista transmitia ao povo brasileiro um estilo mais leve e humanizado de ensinar piano" (MONTI, 2015, p. 167)

2. Versão autobiográfica e da cultura histórica

É possível constatar que nos últimos anos de vida de Magda, bem como no período que se seguiu ao seu falecimento, houve certa proliferação de pesquisas e registros biográficos a seu respeito. Assim, em 1979, a própria Magdalena publicou uma narrativa sobre sua história de vida, intitulada *Quase tudo... Memórias de Magdalena Tagliaferro*, pela Editora Nova Fronteira. É importante indicar que tal livro teve de ser traduzido para o português por Maria Lúcia Pinho, uma vez que havia sido redigido em francês por Magdalena, idioma que utilizava na infância, por ser filha de um casal francês que residiu no Brasil. Escrever em francês pode ter se constituído em uma das estratégias de Magdalena para "retomar suas memórias pedagógicas e musicais […], era uma maneira da concertista fomentar a memória e trazer à tona as cenas, os sons do seu passado, os episódios, as aulas de outrora que constituíram o seu imaginário" (MONTI, 2015, p. 153). Pode-se vislumbrar, porém, um segundo elemento para a escrita da autobiografia em francês: "parece-me, por um lado, demonstrar que [Magdalena] pensava em guardar suas memórias para o público da França, por outro lado, pode-se depreender também que pretendia apresentar aos brasileiros a sua erudição e o seu trânsito fluente na cultura francesa" (MONTI, 2015, p. 153).

Demonstrar, apresentar, expor, mas não por completo, como se depreende do próprio título atribuído por Magdalena – "Quase tudo…". Que aspectos Magdalena silenciou? Quais almejou destacar? Por que o fez? E, sobretudo, como o fez, a partir do emprego de uma escrita autobiográfica? Eis algumas questões que inspiram a análise proposta, com base nessa fonte de pesquisa.

Em 1983, três anos antes da morte de Magda, a condessa Helena Beatriz Grego Laguna lançou o livro *Magdalena Tagliaferro*, como uma homenagem à pianista. Os cem anos de nascimento de Magda, ocorridos em 1993, deram ensejo a outras práticas de memória, como a exposição (e seu respectivo catálogo) promovida pela Fundação Magdalena Tagliaferro, por ela criada em 1969. A mesma Fundação havia editado, em 1990, o livro da japonesa Asako Tamura *A arte pianística de Magda Tagliaferro*, que fora traduzido por Dirce Kimyo Miyamura, demonstrando a técnica musical de Magda. (LEITE, 2001) No início deste século, mais especificamente em 2004, foi lançado, com direção de Norma Bengell, o documentário *O mundo dentro de um piano*, vendido em formato DVD. Acrescenta-se ainda

que há sobre ela extensa iconografia, (IGAYARA-SOUZA; PAZ, 2012) disponível em várias instituições de guarda de memória, como bibliotecas e arquivos estaduais e nacionais.

Tal diversidade de produções culturais sobre Magda suscitaram uma releitura do significado da carreira da pianista. Nesses escritos, sua atuação no plano internacional foi considerada um fator relevante para que a formação pianística obtivesse uma enorme valorização no Brasil com o delinear de uma tradição, disseminada entre os segmentos sociais médios e elitizados, que Mário de Andrade denominou de "pianolatria nacional": o desempenho de Magda fez com que jovens valorizassem o estudo de piano deflagrando assim novas instituições de ensino de música pelo país (AMATO, 2008b).

Quais as singularidades dessas distintas produções, quer em termos de seu cotejamento com a autobiografia, quer em função de suas diversidades internas? Que elementos são realçados e silenciados? Por que o são? Como isso ocorre na sua composição escrita? Eis outras tantas perguntas que inspiram a pesquisa proposta.

3. Cruzando escritas

A pianista Magda Tagliaferro foi uma das poucas mulheres que, no campo musical, especificamente na performance e no ensino do piano, receberam destaque nacional e internacional:

> […] três intérpretes marcarão suas presenças nos cenários brasileiro e internacional: Guiomar Novaes, pianista, ao treze anos foi elogiada por Debussy ("essa menina vai longe") e aos quinze anos recebeu o diploma do Conservatório de Paris; Magdalena Tagliaferro, também pianista, foi condecorada em 1928 com a Legião de Honra da França e, posteriormente, nomeada Catedrática do Conservatório de Música de Paris; e Bidu Saião, o "Pequeno Rouxinol", que em 1926 estreia como cantora de opera no Teatro Constanzi, de Roma, e atua no Scala de Milão. Mais tarde, será contratada por Arturo Toscanini para a Orquestra Filarmônica de Nova York e fará triunfal apresentação no Metropolitan Opera House, com a Manon de Jules Massenet (apud LEITE, 2001, p. 173).

Considera-se que a questão de gênero se mostrou como viés de interpretação crucial tanto na autobiografia de Magdalena quanto nas escritas aqui configuradas como integrantes de uma cultura histórica. Mas o que seria uma "questão de gênero"? Buscando aclarar os sentidos de tal recorte identitário, esta pesquisa recorreu às próprias fontes elencadas, às interpretações nela promovidas acerca da figura feminina, na sua relação com os homens, a música, a sociedade, a história. Com isso, este projeto distanciou-se, em termos teóricos, de uma

> história das mulheres que, mesmo reconhecida pela academia, […] passou a ser entendida muitas vezes como um assunto de mulheres, mais especificamente de

> feministas, ou como uma história que diz respeito aos aspectos privados da casa, da família, da reprodução e do sexo, em oposição ao que realmente importaria à história, que é o domínio público da existência (TORRÃO FILHO, 2005, p. 131).

Sendo o gênero uma construção político-cultural, tal categoria precisa ser articulada às distintas dinâmicas de poder e cultura sociais: "Os estudos de gênero já mostraram como as diferenças entre os sexos, estabelecidas de maneira hierárquica, são construídas historicamente e como as noções de masculino e feminino são igualmente históricas" (TORRÃO FILHO, 2005, p. 149).

Partindo-se dessa premissa teórico-conceitual, é possível, porém, observar que as remissões ao gênero feminino são promovidas numa nítida articulação entre o sexismo (particularmente alocado nos atributos físicos do ser mulher) e os papéis que lhe são atribuídos. Não é possível ser pianista sem uma dada aparência, conduta e subjetividade, esta, associada à sensibilidade, ao sentimento. Desta forma, Magda Tagliaferro, logo na introdução de sua autobiografia, comenta:

> Não pensem que perdi o pudor. É só o que faltava! Mas desde a época em que me pedem para que escreva sobre a minha vida, receio que deixar de referir aquilo que pode parecer evidente aos que me são mais próximos – e, sem dúvida, bem menos evidente aos outros – seria assim, como se falhasse à Música, à Amizade, ao Amor à vida, ao próprio Amor (TAGLIAFERRO, 1979, p. 8).

Todavia, tal associação, se existente, não era absolutizada por Magda, conforme depoimento proferido por ela em 1976: "A música não tem sexo. Mas é claro que certos homens têm mais tendência à força, à virilidade ao piano. E nas mulheres, há mais meiguice. Mas há os artistas completos, que podem tocar o Terceiro Concerto de Prokofiev como tocam um Noturno de Chopin" (TAGLIAFERRO apud LAGUNA, 1983, p. 67).

A articulação entre gênero, sexismo e prática musical também é realçada pela cultura histórica referente a Magda, a exemplo da narrativa de James Tocco, em 1981:

> Como seria estudar com Magda Tagliaferro? Para responder esta pergunta, eu teria que retornar ao verão de 1963, quando ocorreu nosso primeiro encontro em Salzburg […] Ninguém está preparado para o choque daquele cabelo vermelho cor de fogo, para a elegância real e autoridade que ela irradia […] eu me ofereci para tocar a Valsa do Mephisto de Liszt. Ela ouviu atentamente e foi generosa em seu elogio […] ela começou a transformar a peça. Onde eu havia visto uma estrutura pianística e musical, ela promoveu sensualidade, feição e, acima de tudo, colorido. […] Mãos, pulsos e braços foram elaborados para participarem mais, para dar mais forma às frases, o peso dos acordes, abrindo para mim uma nova dimensão à técnica pianística. Sobretudo, lá havia drama, excitamento e significado (TOCCO apud LAGUNA, 1983, p. 157).

Além da questão de gênero, postula-se que as produções de cultura histórica sobre Magdalena Tagliaferro são demarcadas, cronologicamente, por duas leituras político-culturais: os textos produzidos até os anos 1980 detêm-se sobretudo em sua performance como pianista internacional; a partir de meados dessa década, seu papel como educadora passa a ser mais destacado. Pode-se supor que tal realce à dimensão educativa promovida por Magda favoreceu a mobilização político-cultural do campo musical no Brasil, na busca por uma maior legitimação da educação musical e da formação instrumental, constituída uma das reivindicações mais expressivas da área. Assim, segundo o doutor em Educação Ednardo Monteiro Gonzaga Monti, a pesquisa sobre a trajetória de Magda, incorporando a importância que ela própria conferiu ao ensino, "pode significar uma análise científica no campo da História da Educação. Isso, mais especificamente na perspectiva da história da circulação das ideias, com a incorporação e difusão de saberes" (MONTI, 2015, p. 156).

Referências:

AMATO, Rita de Cássia Fucci. Funções, representações e valorações do piano no Brasil: um itinerário sócio-histórico. *Revista do Conservatório de Música*. Pelotas, n. 1, p. 166-194, 2008.

BAIA, Silvano Fernandes. *A historiografia da música popular no Brasil (1971-1999)*. São Paulo, 2011. 278 f. Tese (Doutorado em História). FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

CARVALHO, Dalila Vasconcellos. *Renome, vocação e gênero*: duas musicistas brasileiras. São Paulo 2010. 149 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

IGAYARA-SOUZA, Susana & PAZ, Ana Luíza F. Trajetórias femininas memoráveis do século XX: uma perspectiva comparada do ensino especializado de música Portugal-Brasil. In: MOGARRO, M. J.; CUNHA, M. T. S. (orgs.). Rituais, Espaços & Patrimónios Escolares. *IX Congresso Luso Brasileiro de História da Educação (Atas)*. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

LAGUNA, Helena. *Magdalena Tagliaferro*. São Paulo: Irmãos Vitale, 1983.

LEITE, Édson. *Magdalena Tagliaferro*: testemunha de seu tempo. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2001.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; GONDRA, José Gonçalves. (Orgs.). *Viagens pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007. V. 1.

MONTI, Ednardo Monteiro Gonzaga. Horizontes pedagógicos e pianísticos nas escritas autobiográficas de Magda Tagliaferro. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 150 – 171, set./dez. 2015.

TAGLIAFERRO, Magdalena. *Quase tudo... Memórias de Magdalena Tagliaferro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

TORRÃO FILHO, Almílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 24, p.127-152, jan.-jun. 2005.